

PERCEPÇÃO DO CORPO, MEDO DA MORTE, RELIGIÃO E DOAÇÃO DE ÓRGÃO EM UMA CAMPANHA DE EXTENSÃO DA LIGA ACADÊMICA DE TRANSPLANTE DE ÓRGÃO DO PARÁ – LATOP, 2016

Fernanda do Nascimento Rodrigues¹; Alana Graziela Brasil Santos²; Luiza Lemos Figueira²; Thaís Martins Novaes¹; Silvia Regina da Cruz Migone³

^{1,2}Graduação, ³Especialização

^{1,3}Universidade do Estado do Pará (UEPA),

²Universidade Federal do Pará (UFPA)

uepa.fernanda@gmail.com

Introdução: O processo de doação de órgãos no Brasil possui diversos entraves que dificultam o crescimento constante no número de transplantes realizados. De acordo com o último relatório fornecido pela Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (2016)¹, é possível verificar que o número absoluto de transplantes de janeiro a junho do ano corrente sofreu uma queda significativa, principalmente em relação a rim e a fígado. Situação esta que, por sua vez, gera consequências diretas para aqueles indivíduos que dependem de um órgão para sobreviver a exemplo dos doentes renais crônicos. A situação que existe atualmente é consequência da soma de vários fatores que perpassam inúmeros problemas da saúde pública brasileira, bem como pela recusa das famílias². No estado do Pará, a falta de aceite familiar equivale a um total de 42% no processo de não concretização da doação. ¹ Entre os principais motivos está a percepção do corpo² e a religião. ³ Por isso, faz-se necessário analisar a percepção sobre o corpo, medo da morte, religião e doação de órgão em Belém - Pará a fim de entender como esses fatores estão influenciando na não efetivação da doação. Outro fator a ser considerado é falta de políticas públicas no sentido de esclarecer a população quanto a importância e a necessidade de contribuir com o salvamento de vidas e, por conseguinte proporcionar qualidade de vida a outros indivíduos que dependem da doação de órgãos para dar continuidade a sua existência. **Objetivos:** Analisar a percepção sobre o corpo, medo da morte, religião e doação de órgão de moradores de um bairro do município de Belém do Pará. **Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo realizado com 41 moradores do Distrito Administrativo do Guamá presentes na “Feira de Saúde – Cremação” pelo período da manhã do dia 04 de junho de 2016, na cidade de Belém, Estado do Pará. O presente estudo foi realizado pelos acadêmicos de medicina da Liga Acadêmica de Transplantes de Órgãos do Pará (LATOP) na Escola Amílcar Tupiassu utilizando-se de um questionário com 10 perguntas objetivas acerca da percepção do corpo, do medo da morte, da religião e da doação de órgãos. Incluiu-se na pesquisa apenas os indivíduos maiores de 18 anos, de ambos os sexos e que aceitaram responder a todas as perguntas do questionário que foram analisadas por meio de tabelas feitas no Microsoft Office Excel 2010. **Resultados e Discussão:** Dos entrevistados 73,1% eram mulheres; 95,1% possuíam religião, sendo que destes 56,4% eram católicos; 78% não consideraram errado o ato de doar, em que 95,1% perceberam como um ato de solidariedade e 75,6% como uma forma de perpetuar a vida; 24,3% acreditavam que a doação é uma forma de mutilação; 68,2% admitiram ter medo da morte; 95,1% consentiriam doação a um parente próximo; e, 51,2% não se consideraram doadores de órgãos e de tecidos. No presente estudo foram entrevistadas 41(quarenta e um) pessoas, entre 21 e 80 anos, sendo o maior quantitativo delas com idade entre 41 e 60 anos (46,3%) e mulheres (73,1%). Do total de entrevistados, apenas 2(dois) participantes relataram não possuir religião. Dentre os demais, 22(vinte e dois) eram católicos, enquanto que 17(dezessete) eram evangélicos. Apenas 9 (nove) dos entrevistados (21,9%) relataram que consideraram errado retirar órgãos de indivíduos falecidos com a finalidade de doação, uma vez que o

corpo deve ser enterrado íntegro. Destes, apenas 2 (dois) não eram evangélicos. Tais achados poderiam ser relacionados com o fato de que praticantes de diferentes religiões tem apresentado perspectivas divergentes quanto ao processo de doação de órgãos. Em um estudo realizado por Traiber e Lopes (2006)⁴, foi observado que evangélicos e testemunhas de Jeová eram menos favoráveis a aceitar a doação comparando-se com outras religiões. Além disso, um número semelhante de pessoas (24,3%) considera a doação de órgãos como uma mutilação do corpo do doador cadáver. Por outro lado, quase a totalidade da população estudada considera a doação de órgãos como um ato de solidariedade (95%), enquanto que 75,6% dos participantes referiram que atribuem à doação de órgãos um significado de perpetuar a vida de uma pessoa que se foi na outra pessoa que receberá a doação. Ademais, 68,2% dos indivíduos relataram ter medo da morte. Em relação ao diagnóstico de morte encefálica, por sua vez, 53,6% dos entrevistados acreditam que o paciente diagnosticado desta forma está realmente morto. Tal resultado apresenta-se elevado se comparado com estudo realizado em um centro de referência na atenção primária e secundária na cidade de Belém/PA, onde apenas 19,9% dos entrevistados acreditava que uma pessoa diagnosticada com morte encefálica realmente estava morta. ⁵ Tal desconhecimento sobre o assunto por parte da população tem sido relatado como um dos principais fatores para a recusa familiar quanto a doação de órgãos. Apesar disso, a maioria de 95% dos participantes do presente estudo relatou que consentiria a doação de órgãos de um parente próximo, caso este recebesse um diagnóstico de morte encefálica. Tal resultado corrobora com achados em outro estudo no qual 84,6% dos entrevistados declaram-se favoráveis quanto à doação de órgãos. Por fim, quando questionados se os mesmos seriam doadores de órgãos e tecidos, a maioria de 51,2% dos indivíduos respondeu que não, divergindo da literatura no qual 72% da população analisada responderam que aceitariam ser doadores. **5 Conclusão:** Conclui-se que a maioria dos entrevistados é favorável a doação de órgãos em se tratando do consentimento a doação em caso de parente próximo, o qual recebesse o diagnóstico de morte encefálica, haja vista o fato de compreenderem o ato da doação como uma atitude de solidariedade, porém nota-se um número relativamente expressivo dos indivíduos que se afirmam não doadores de órgãos e tecidos quando questionados sobre si mesmos. É possível identificar dificuldades associadas a não doação de órgãos que incluem principalmente o conhecimento limitado sobre o assunto e a falta de confiabilidade relacionada ao diagnóstico de morte encefálica, bem como princípios religiosos e a crença na possibilidade de reversão do quadro.

Referências:

1. Associação Brasileira de Transplante de Órgãos. Dados numéricos da doação de órgãos e transplantes realizados por estado e instituição no período: janeiro/junho – 2016. Reg Bras Trans, 2016.
2. Moraes EL, Massarollo MCKB. Recusa de doação de órgãos e tecidos para transplante relatados por familiares de potenciais doadores. Acta Paul Enferm, 2009; 22(2): 131-5.
3. Moraes MW, Gallani MCBJ, Meneghin P. Crenças que influenciam adolescentes na doação de órgãos. Rev da Esc de Enferm USP. 2006; 40(4): 484-92.
4. Traiber C, Lopes MHI. Educação para doação de órgãos. Scientia Medica, Porto Alegre: PUCRS, 2006. 16 (4).

5. Teixeira RKC, Gonçalves TB; Silva JAC. A intenção de doar órgãos é influenciada pelo conhecimento populacional sobre morte encefálica? Rev Bras Ter Intensiva. 2012; 24(3): 258-262.